****

**- F M I C -**

**A Comunidade Monástica**

Devemos nos esforçar para sermos testemunhas vivas entre todas as nações para a grande verdade de que em Cristo “*não há diferença entre judeus e gentios, entre escravos e homens livres, entre homens e mulheres*” (Gálatas 3,28), não havendo, também, qualquer barreira entre raças ou nações na família de Deus.

A Fraternidade Monástica da Imaculada Conceição, comunidade beneditina de tradição anglicana, como uma das muitas famílias espirituais suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja de Cristo, tomando os aspectos basilares acima apontados, compõe-se de homens ou mulheres, casados ​​ou solteiros, ordenados ou leigos, de qualquer denominação cristã, que reconhecem o chamado a seguir Jesus nas pegadas de São Bento, sempre na busca de uma vida em oração e de encontrar a pessoa viva e ativa de Cristo em nossos irmãos e irmãs, na Sagrada Escritura, na Igreja e na atividade litúrgica.

A comunidade é constituída de irmãos e irmãs que nela fizeram sua profissão, dos(as) noviços(as) e daqueles que foram admitidos para provação (postulantes). A ela estão associados, também, os(as) oblatos(as), leigos ou sacerdotes, que são membros de alguma comunidade ligada à comunidade monástica, não constituindo associação religiosa, tampouco Ordem Terceira, participando dos bens espirituais da Fraternidade.

Os membros da FMIC estão dispersos, vivem em muitas comunidades, estados e até países. Enquanto alguns dos irmãos e irmãs vivem perto o suficiente para passar o tempo juntos, muitos são o único representante em sua comunidade particular. Anualmente, seus membros são convidados ao Capítulo anual, para que, durante alguns dias, todos são convidados a viver em comunidade para aprender, adorar, partilhar. O reconhecimento formal dos estágios de formação ocorre tipicamente durante esta reunião. É quando, normalmente, são formalizadas as ordenações.

Além dos membros da Fraternidade viverem sob uma regra comum, todos os seus membros são responsáveis ​​perante suas respectivas denominações, o que força a adequação da formação monástica levando-se em conta com a base ecumênica cristã.

Os membros da Fraternidade consagram sua vida a Deus, ou seja, vivenciando uma união fraterna entre si, a solidão e o silêncio, no contínuo exercício da oração e do trabalho, tomando por base uma disciplina própria de vida.

O irmão ou a irmã, guiado(a) pelo Evangelho e buscando a Deus na simplicidade de seu coração, obriga-se à disciplina estabelecida na regra de vida individualmente construída e aprovada pelo Abade. Mesmo vivendo de forma eremítica, em meio urbano ou em área isolada, ele/ela assume cumprir o que fora estabelecido por sua regra de vida, renunciando, assim, à própria vontade, seguindo o exemplo de Cristo, na entrega ao Serviço do Senhor. Pelo exposto, a pessoa assume junto à Fraternidade os votos de conversão de costumes e de obediência.

O eremita membro da comunidade, ao responder o chamado de Deus, faz a opção pela vida em solidão, de forma orante e contemplativa. Não vive, necessariamente, fora da cidade, embora possa ser a opção de alguns, pelo bem que faz estar em contato com a natureza – criação primeira de Deus. Devido às necessidades atuais, muitos optam em viver o eremitismo na cidade, pela realização de atividades laborais, facilidade de compras, acompanhamento de saúde, e para não depender tanto de benfeitores. Não se pode esquecer de que o principal elemento da vida eremítica é a busca solitária pela companhia de Deus, mesmo que, ocasionalmente, esteja em família, no meio da multidão, ou no desenvolvimento de práticas pastorais esporádicas. Cabe o destaque para a diferença entre aqueles, normalmente solteirões de certa idade, chamados de eremitas, que optam por viverem isoladamente pelo particular prazer da solidão e os membros da Fraternidade que o fazer por resposta ao chamado de Deus, com um constante discernimento no Espírito no exercício diário de sua vida consagrada.

A comunidade forma um só corpo em Cristo, mesmo seus membros estando fisicamente distantes entre si. Cada irmão, porém, pondo em comum com os demais os dons espirituais recebidos segundo a multiforme graça de Deus, promovendo, assim, com grande empenho, a edificação da fraternidade.

Os membros da Fraternidade almejam, continuamente, testemunhar e servir como instrumento da missão da Igreja entre todos os povos, proclamando Cristo por ações e palavras. Como seguidores de Cristo Jesus e motivados pelo poder dinâmico do evangelho, os monges e oblatos da Fraternidade esforça-se de forma permanente a aplicar seus pensamentos e ações aos de Cristo, por meio de uma mudança interior radical que o próprio evangelho chama de “Conversão”. A fragilidade humana chama a lutar por essa conversão diariamente.

Seguindo o exemplo de Jesus, os membros da Fraternidade esforçam-se diuturnamente para que a oração e a contemplação sejam a alma de tudo o que são e fazem, cumprindo fielmente os deveres próprios das diversas circunstâncias da vida e seguindo o Cristo pobre e crucificado, testemunhando-O mesmo em dificuldades e perseguições.

Lembrar-se sempre para a escolha de Cristo por uma vida pobre e humilde, faz com que a comunidade que compõe a Fraternidade busque um espírito adequado de desapego dos bens temporais, simplificando as próprias necessidades materiais. Pois, de acordo com o evangelho, somos mordomos dos bens recebidos em benefício dos filhos de Deus, requerendo, assim, o esforço para purificar nossos corações de todas as tendências e desejos de posse e poder.

Em obediência ao nosso Senhor Jesus Cristo e ao exemplo de São Bento, os membros da Fraternidade são portadores de paz que deve ser sempre construída incessantemente. São compelidos a buscar formas de resolver os conflitos por intermédio de meios não violentos, confiando na presença da alma divina em todos e no poder transformador do amor e do perdão.

Merece, aqui, destaque a mais uma reflexão de Dom Anselm Grün sobre a comunidade monástica:

A espiritualidade dos monges é sincera. Ela não passa por cima da realidade humana. O caminho para Deus, ao contrário, passa pelo autoconhecimento. Os monges não falam sobre Deus, eles O experimentam. Eles procuram afastar todas as possibilidades de dispersão, a fim de poderem direcionar o espírito completamente para Deus.